

ADAPTAÇÃO DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS COMO FERRAMENTA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

Lívia Henrique de Oliveira¹
Alicia Lima Pascoal²
Késsia Kelle Flor de Lima³
Vanessa Santos da Silva⁴
Prof^a Dr^a Luciane Alves Santos⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo expor como a adaptação dos clássicos literários no ambiente escolar pode ser uma ferramenta positiva para o trabalho pedagógico. Para almejar esse objetivo, utilizou-se como principais referentes teóricos Machado (2002), Barbosa (2008), Amorim (2005), Formiga (2009), Lajolo (2005), entre outros. Para atingir os objetivos da pesquisa, inicialmente foi feito um breve panorama histórico sobre a adaptação de obras clássicas, em seguida, foi discutido o papel da adaptação dos clássicos para a democratização do conhecimento e, por último, foi abordado o espaço das adaptações dos clássicos literários na escola. Os resultados discutidos apresentam pontos positivos a respeito da utilização das adaptações literárias, visto que incentiva os alunos a buscarem cada vez mais o universo literário, devido à familiarização com a linguagem e adequação da faixa etária.

Palavras-chave: Adaptação literária. Educação básica. Clássicos literários.

INTRODUÇÃO

A leitura dos clássicos literários é um dos requisitos mais cobrados no processo de formação de um leitor. De fato, não poderia ser diferente, pois essas obras representam o que há de universal na literatura e cultura de diferentes povos. Porém, se tratando do público infantojuvenil, dada a complexidade de alguns clássicos em sua forma original, faz-se necessário apresentar esses textos por meio da adaptação conforme afirma Machado (2002, p. 12) “(...) não estão ao alcance da garotada. O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que fomos feitos”.

Atualmente existem vários tipos de adaptações que, de forma geral, visam tornar essas obras acessíveis às crianças e aos adolescentes proporcionando o descobrimento do quão

¹ Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal - UFPB, avilhenrique@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal - UFPB, alicialimapascoal@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal- UFPB, kessiakelleflor@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal-UFPB, vanessasantos0711@outlook.com;

⁵ Professor orientador: doutorado em Letras, Universidade de São Paulo - USP, luciane45@gmail.com.

significativas essas obras são e estimulando o desenvolvimento do senso crítico. Considerando a necessidade de oferecer leitura de qualidade aos leitores juvenis por meio da leitura dos clássicos universais, o presente trabalho discorre sobre a importância das adaptações na formação do leitor infantojuvenil.

Esse estudo é de natureza bibliográfica, visto que a discussão deste trabalho foi gerada e alimentada por perspectivas teóricas de autores como Machado (2002) que discorre sobre a importância de se ler os clássicos desde cedo, Barbosa (2008) sobre o fato dos clássicos não serem tão lidos quanto os livros contemporâneos, Amorim (2005) que defende a necessidade de adaptar os clássicos para o público infanto-juvenil, dentre outros. A metodologia está incorporada ao trabalho uma vez que faremos uso do aporte teórico ao longo do texto para respaldar nossa discussão.

Nosso estudo encontra-se dividido da seguinte forma: primeiro, será feito um breve panorama histórico sobre a adaptação de obras clássicas no Brasil, em seguida será discutido o papel da adaptação dos clássicos para a democratização do conhecimento e por último, nos debruçamos sobre o espaço das adaptações dos clássicos literários na escola.

DA COLONIZAÇÃO À LITERATURA INFANTIL: BREVE TRAJETO SOBRE A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DOS CLÁSSICOS ADAPTADOS

As adaptações dos clássicos literários passaram por um longo percurso até chegar ao modo que são conhecidas hoje. Com a chegada dos portugueses ao Brasil e as suas imposições “pedagógicas”, já era possível notar no código de conduta dos jesuítas, *Ratio Studiorum*, recomendações para que os educadores pudessem traduzir de uma forma compreensível, ao fim da explicação do autor, para aqueles que estavam estudando.

Segundo Formiga (2009, p. 61), “Dos diversos possíveis usos do escrito, as adaptações constroem maneiras de ler no país desde a época em que a cultura ainda era amplamente oral”. Nessa época, muitos clássicos estrangeiros eram trazidos para o Brasil com o intuito de mostrar as regras gramaticais e servir de modelos de como bem escrever e falar, como *Os Lusíadas*, de Camões.

No início dos anos de 1900, a herança cultural que o Brasil recebia de Portugal ainda era muito grande, o que fazia com que as obras viessem traduzidas e adaptadas de Lisboa e outros locais para que aqueles que só compreendiam a língua nativa também pudessem ler. Assim, no Rio de Janeiro, eram utilizadas de várias ferramentas para agradar os diversos tipos de leitores que surgiam naquele momento de efervescência cultural, e para suprir essa

necessidade foram trazidos livros de diversos gêneros, muitos deles perpetuam até o momento atual.

As adaptações surgiram antes mesmo do conceito de literatura infantil ser difundida nas mais diversas regiões. Os irmãos Grimm, por exemplo, adaptaram histórias tradicionais para as crianças. Como também Charles Perrault, no século XVI. Segundo Formiga (2009):

Quando a literatura infantil já se afirmava com uma infinidade de gênero criado exclusivamente para a categoria, os textos adaptados às idades, não somente em relação aos temas que lhes eram propícios, mas também aos suportes, permaneceram atendendo à imaginação infantil, tendo em vista a sobrevivência do gênero através do tempo. (...) Assim, a coexistência entre textos adaptados ao leitor iniciante e os escritos propriamente para ele nos mostra a convivência harmoniosa entre os formatos diversos de textos. (FORMIGA, 2009. p. 68).

Dessa forma, muitas obras foram adaptadas com o intuito de facilitar o entendimento, por motivos diversos, desde a sua função pedagógica, até à propagação cultural. Com isso, diversos gêneros literários entraram na lista, o que segundo Formiga (2009, p.70), foi “do sagrado ao profano”.

ADAPTAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS: UMA FORMA DE DEMOCRATIZAR O CONHECIMENTO

Ter acesso aos clássicos é, antes de tudo, um direito. Por isso, é necessário que a apresentação dessas obras ao leitor infantojuvenil aconteça de forma prazerosa e significativa e não por mera obrigação dos pais ou da escola. Ouvir que ele precisa ler a *Ilíada* ou a *Odisséia*, porque são poemas épicos de grande importância escritos por Homero no século VI a. C. e de conhecimento mundial, não é pré-requisito para que o leitor as considere importante e tenha interesse em ler essas ou outras obras universais, pois dados como esses não são de extrema relevância para o leitor nessa fase da vida. O jovem leitor conhecerá o valor desses textos e atribuirá-lhes significado a partir da sua experiência própria de leitura que normalmente acontece com objetivos simples, tais como se divertir à medida que conhece os deuses, os heróis, seus poderes sobrenaturais, os mundos ficcionais, dentre outras coisas que farão parte de sua bagagem cultural pela vida afora.

Por isso, é normal que os leitores infanto-juvenis atribuam significado afetivo aos livros que leem nesse momento da vida e deixem de lado questões mais estruturais. Sobre essa questão, Ana Maria Machado se posiciona:

Não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que deve se propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2002, p.12-13).

Sendo assim, a adaptação é uma forma ideal para apresentar e tornar os clássicos acessíveis às crianças e aos adolescentes, visto que esses leitores possuem uma outra perspectiva de leitura e não alcançam todas as sutilezas estéticas, padrões de uso da língua com palavras rebuscadas e composição literária da obra em sua totalidade. Vale ressaltar que tais elementos, a depender da obra, são difíceis de serem alcançados até mesmo por leitores maduros.

O leitor infantojuvenil procura uma boa história contada de forma que lhe permita participar dela o máximo possível, por isso a linguagem acessível, as ilustrações, o foco nos momentos decisivos da narrativa torna as adaptações adequadas para essa faixa etária. Além disso, observamos que o volume de obras produzidas para esse público tem aumentado cada vez mais e os livros têm adquirido diversas modalidades podendo ser escritos, orais, digitais, personalizados etc. Em sequência, esses livros se tornam séries, filmes, inspiram músicas e têm seus trechos e personagens estampados em camisetas, cadernos e até mesmo em canecas de café. Assim, percebemos que há um crescente diálogo entre literatura e outras artes e suas formas de expressão. Embora, é claro, sob uma perspectiva de legitimação acadêmica, nem todas as obras voltadas para o público jovem, atualmente, se encaixe no conceito de clássicos.

Diante dessas novas produções, que apresentam muitos discursos sociais como a violência, conflitos psicológicos, desigualdade social, o leitor normalmente recusa o clássico em sua forma original pois, à primeira impressão, considera-o inacessível, difícil e de pouco interesse. Ao refletir sobre esses dois polos, Barbosa pontua que:

[...] livros como o de *Harry Potter*, ou *O Diário da Princesa*, têm todas as estratégias externas – marketing, ilustração, entrevista e filmes – endereçadas aos jovens. De certa forma, esses elementos externos não só promovem a venda de livros, mas auxiliam a leitura porque predisõem e socializam seu sentido. Além disso, a leitura desse tipo de texto é reforçada, alimentada e disseminada não por professores sisudos, que muitas vezes não gostam bem são leitores dos clássicos, mas pelos próprios amigos, por sites, por álbuns e toda a sorte de suporte (BARBOSA, 2008, p.41).

Por isso, a adaptação é um bom começo e ele descobrirá a riqueza de livros como *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, *Sonho de Uma Noite de Verão* de Shakespeare, *Os Miseráveis* de Victor Hugo, *As Aventuras de Robin Hood* de Alexandre Dumas, *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carrol, dentre outros. O primeiro clássico será uma chave que abrirá portas para outros e assim por diante de forma que o leitor poderá desenvolver seu espírito crítico e formar sua própria opinião sobre essas obras ao longo de sua formação. Ao comentar de forma poética essa experiência, Machado esclarece:

Navegar pelos clássicos da literatura é preciso, mas é impreciso. É necessário, mas inexato. Não tem rumo prefixado e definido, mas se faz à deriva, ao sabor das ondas e ventos, entregue à correnteza, numa sucessão de tempestades, calmarias e desvios. Um livro leva a outro, uma leitura é abandonada por outra, uma descoberta provoca uma releitura. Não há ordem cronológica. A leitura que fazemos de um livro escrito há séculos pode ser influenciada pela lembrança nossa de um texto atual que lemos (MACHADO, 2002, p. 130).

Convém lembrar ainda que a qualidade das adaptações devem ser analisadas, e não excluimos aqui a discussão que esse quesito tem levantado entre escritores e teóricos, pois a adaptação não é a única forma de tornar esses textos acessíveis, existem também as traduções, e por si só não é responsável pela formação dos jovens leitores. Sobre essa questão Amorim diz que:

[...] a prática da adaptação é geralmente marginalizada sob o argumento que estaria relacionada a leituras que ocasionariam certa agressão à “integridade” dos textos originais e que, portanto, deveria ser considerada uma prática distinta da tradução. Entretanto, os limites que a separariam da tradução não são tão “naturais”, nem tão nítidos como se supõe, e não há nenhuma unanimidade teórica quanto à possibilidade de delimitação objetiva (AMORIM, 2005, p.40).

Uma mesma obra clássica, de acordo com a adaptação e a faixa etária a qual se destina, vai se apresentar de forma diferente, mas isso não significa dizer que o leitor de uma terá experiência menos ou mais rica que o leitor de outra. Tomemos por exemplo mais uma vez *Os Lusíadas* de Camões, existem várias adaptações desse clássico da literatura portuguesa, uma delas é *Os Lusíadas em quadrinhos*, lançada pela editora Peirópolis para coleção *Clássicos em HQ* e da qual também faz parte *A Divina Comédia* de Dante Alighieri e *Macunaíma* de Mário de Andrade, embora esteja em um formato diferente, o leitor dessa adaptação poderá ter uma experiência tão significativa quanto aquele que ler *Os Lusíadas* da coleção *Reencontro Infantil* pela editora Scipione, em prosa, pois, mesmo sendo configurações de apresentação e condições

de leitura diferentes, o clássico é o mesmo e possui seu valor, seja adaptado, seja em sua forma original.

Em síntese, para ler os clássicos não existe tempo específico da vida nem idade determinada, por isso não podemos deixar o leitor infantojuvenil à parte dessas obras, uma vez que o contato com os clássicos proporciona conhecimento de mundo e estimula o senso crítico do leitor em relação aos ideais já consagrados no mundo e importantes para sociedade como um todo. Tão pouco é obrigatório que esse contato se dê, logo de primeira, com os textos originais. A adaptação, além de ser um bom caminho para que futuramente o leitor conheça o texto original, é uma forma de democratizar o conhecimento.

AS ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS PARA O PÚBLICO ESTUDANTIL

Tratando-se especificamente das adaptações dos clássicos no âmbito escolar, é necessário discutirmos, antes de tudo, a importância do professor que, se não leitor assíduo, deve ser ao menos conhecedor das obras clássicas, como afirma Lajolo:

Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera *preferência*. Em outras palavras: o professor de Português, pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los (LAJOLO, 2005, p. 22).

Considerando que nem sempre o aluno está inserido em um contexto familiar-leitor como é, muitas vezes, nos casos do ensino público brasileiro, é na escola que o sujeito tem os primeiros contatos com a literatura, ter um professor consciente da importância dos clássicos é essencial. Pois, de acordo com sua própria formação de leitor nessas obras, poderá selecionar quais os títulos e as adaptações adequadas e necessárias para trabalhar a literatura em sala de aula. Sobre o trabalho com os clássicos adaptados em sala de aula, Zilberman afirma que:

De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras; o jovem pode não querer ser instruído por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando a intenção pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um

novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim. (ZILBERMAN, 2005, p. 16).

Com isso, conclui-se que a escola é o ambiente propício para o desenvolvimento do gosto pela leitura, sobretudo na disciplina de Língua Portuguesa, que é a responsável pelo maior contato dos alunos com a literatura. Além do mais, é papel do professor incentivar os alunos e colocá-los em contato com os textos clássicos. Entre as diversas formas disso acontecer, está a adaptação de clássicos literários, visto que, para muitos alunos, esta é uma maneira de aproximá-los, pois muitas obras possuem uma linguagem rebuscada e de difícil entendimento para jovens leitores, o que é um dos motivos que acaba afastando-os do universo literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do nosso trabalho foi discutir a importância da adaptação dos clássicos para a formação do jovem leitor, uma vez que ter acesso a essas obras, bem como a literatura de forma geral, é um direito de todos. As adaptações são uma forma de tornar a leitura dessas produções viável aos leitores juvenis. Além disso, contribuem com a democratização do conhecimento e do ensino, pois ampliam as possibilidades de leitura, compreensão e aprendizagem.

A leitura das obras clássicas pelas crianças e adolescentes, muitas vezes, é feita a pedido dos pais ou da escola, pois, de certa forma, consideram o conhecimento desses textos *status*. Porém nem sempre há a preocupação de pensar meios para tornar esse contato mais acessível, lúdico e interessante, por entenderem que a forma original é mais rica. No entanto, as adaptações podem proporcionar uma experiência tão rica quanto, e em nenhum momento foi proposto a substituição, pelo contrário, defendemos que a leitura do clássico adaptado é apenas uma das diversas ferramentas existentes para chegar à obra em sua configuração original.

Discutimos ainda a necessidade de os clássicos serem trabalhados por meio das adaptações no âmbito escolar e a importância de o professor também ser conhecedor dessas obras e ter consciência de seu valor, pois isso também traz implicações para a forma de como irá desenvolver atividades que apresente e trabalhe os clássicos adaptados.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Lauro Maia. **Tradução e adaptação.** Encruzilhadas da textualidade em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol e *Kim*, de Rudyard Kipling. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

BARBOSA, Socorro F. de Pacífico. **A hora e a vez dos clássicos na escola.** Presença pedagógica. V. 14, Nº 79. 2008a. p. 41.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil.** Tese (Doutorado em Letras) – UFPB, João Pessoa, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.